

MEMÓRIA CAMPINEIRA (58)

A FILHA DO BARÃO

Célia Siqueira FARJALLAT

O solar do Barão, ou melhor, o prédio central da PUCCAMP, à rua Marechal Deodoro, é movimentadíssimo. O que muita gente não sabe é que, há seis ou sete décadas atrás, ali funcionou o convento das Missionárias de Jesus Crucificado. Antes ainda, ali residiram um titular do Império, o Barão de Itapura e sua família.

O palacete Itapura foi construído no período de 1880-1883, em grande área de terreno, abrangendo gleba da rua do Imperador (atual Marechal Deodoro) até o Canal do Saneamento. Pela solidez da construção, beleza arquitetônica e luxo requintado, era um dos mais importantes do Estado. A construção é do engenheiro Luiz Pucci. Festivamente inaugurado 1883, possuía rez-do-chão, primeiro e segundo andares e, no alto, um belo mirante. Imponentes são suas colunas e os soberbos leões de cantaria da entrada. Heráldicas, suas palmeiras imperiais.

Além das dependências principais, o edifício possuía outras, secundárias, antigas cocheiras. Pomar e jardim eram de trato primoroso. Mármore, mosaicos, madeiras de lei, salões ricamente decorados, vestibulos enormes, quartos amplos fizeram deste solar a moldura de respeitável família. Nego-me a comentar o estado atual do prédio. Basta percorrê-lo e tirar suas conclusões.

O dono do solar, Joaquim Policarpo Aranha, Barão de Itapura, era homem de espírito progressista, aberto às novas idéias. Generoso, fazia constantes doações e a Santa Casa de Misericórdia nunca foi esquecida por ele. Era casado com sua prima, dona Libânia, e o casal teve cinco filhos e adotou uma menina.

Narra Benedito Otávio que o Barão era dotado de coração magnânimo, tendo dado educação e instrução a muitos jovens que se tornaram cidadãos notáveis. Refere-se, ainda, à grandeza de coração de toda a família, em especial da filha Isolete, que cuidava pessoalmente daqueles órfãos abandonados.

Possuíam os Barões de Itapura numerosa escravaria, e segundo pesquisas da bibliotecária Maria Luiza Pinto de Moura, mesmo após a abolição, os negros não quiseram deixar a casa. Aliás, era hábito dele alforriar alguns escravos quando se festejava o aniversário da senhora Baronesa. O bom fidalgo faleceu aos 93 anos de idade, em um "Dia de Reis", 6 de janeiro de 1902. O padre Manoel Ribas d'Ávila assinou o atestado de óbito da paróquia de Santa Cruz. A viúva, também campineira, era irmã do Marquês de Três Rios, e viveu ainda até 1921. Em seu atestado de óbito, assinado pelo vigário cônego Samuel Fragoso, está revelada sua idade: 91 anos!

E a filha? Era a única menina da irmandade e jamais quis se casar. Era, segundo as crônicas, alta, de coração boníssimo, sendo considerada a mãe adotiva de 19 órfãos, que educou carinhosamente no próprio solar. Estudou no Colégio Florence, completou sua educação com preceptoras particulares, como era hábito naqueles tempos. Adorava música, sendo boa pianista. Chegou a organizar em casa uma pequena orquestra só de moças. Gostava de ler, deitada na rede, e sua biblioteca, lindamente encadernada, perdeu-se por empréstimos. Seria hoje interessante saber-se que tipo de leitura preferia.

Boa doceria sempre foi. Costumava ver o ponto das tachadas de goiabada e marmelada, que as cozinheiras preparavam. Batia bolos, fazia fios-de-ovos e docinhos apreciadíssimos. Era, enfim, uma graciosa e inteligente moça, saudável e benquista. Mas não era bonita, isso não. E, embora tivesse tido bons e ricos pretendentes, não quis se casar. Alguma paixão contrariada? Nunca se soube. E Iaiá morreu solteira. A morte dos pais transformou-lhe os hábitos. Fez-se ainda mais caseira. A responsabilidade do solar opulento e das demais propriedades pesava-lhe nos ombros.

Recordo-me dela, vagamente. Do grande terraço dos fundos da casa de meus avós maternos, Coronel Manoel de Moraes/ Gertrudes de Souza Morais, eu via, ao longe, o vulto de dona Isolete no terraço do solar. Ela acenava para minha avó e logo desaparecia. Perguntei quem era. "É dona Isolete Aranha, a filha dos Barões de Itapura". Aquele vulto me fascinava. Tão distante e tão próximo! "Vó Tudinha, eu queria conhecer de perto o solar e sua

dona". "Qualquer dia vamos lá, Celinha. Qualquer dia..." Esse dia nunca chegou. Mas, ainda hoje quando passo por ali, penso em Iaiá Aranha, em seu coração magnânimo, no desconhecido romance de sua vida...

(Correio Popular, 15-2-1997)

(N. da R.: Em memória de Dona Isolete, evocada nesta crônica pela Profª Celia S. Farjallat, foi dado o seu nome - rua Isolete Augusta de Souza Aranha - a uma via pública localizada em terrenos de sua propriedade, bem atrás do antigo solar).